

A HORA DO BRASIL DE 70

THE HOUR OF BRAZIL IN THE 70's

Rony Márcio Cardoso Ferreira¹Edgar César Nolasco²

RESUMO: O presente artigo apresenta uma análise da novela *A hora da estrela* de Clarice Lispector. Embasado num foco culturalista, a análise procura demonstrar que a escritora constrói um retrato ficcional da situação em que se encontravam as esferas intelectual e popular brasileiras durante o período da ditadura militar.

PALAVRAS CHAVES: Clarice Lispector, década de 70, ditadura militar, *A hora da estrela*.

ABSTRACT: This article presents an analysis of the novel *The Hour of the Star*, by Clarice Lispector. Based on a culturalist focus, it tries to show the author builds a fictional portrait of the Brazilian popular an intellectual situation during the military dictatorship period.

KEY WORDS: Clarice Lispector, seventies, military dictatorship, *The Hour of the Star*.

Visão de Clarice.

Clarice

*Veio de um mistério, partiu para outro
Ficamos sem saber a essência do mistério*

*Ou o mistério não era essencial.
Essencial era Clarice viajando nele.
Era Clarice bulindo no fundo mais fundo*

¹ Bolsista de Iniciação Científica pelo PIBIC/CNPq, de agosto de 2007 à julho de 2008, com o Plano de trabalho “Cultura e contracultura em Clarice Lispector (de 1970 à contemporaneidade). Acadêmico do Curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CCHS). E-mail: cardoso_rony@hotmail.com

² Professor Doutor dos Cursos de Graduação e Pós-Graduações do DLE/CCHS/UFMS. E-mail: ecnolasco@uol.com.br

*onde a palavra parece encontrar
sua razão de ser, e retratar o homem.(...)*
(Carlos Drummond de Andrade. *Jornal do Brasil*, 10/12/1977).

Localizando-se teoricamente

Cada vez mais, os estudos literários estão sendo revisitados pelos Estudos Culturais. Tal diálogo parece propiciar não só uma compreensão mais abrangente do texto, como também do próprio contexto no qual tal texto é erigido. Dessa forma, o texto é cada vez menos visto como um constructo estético alienado de seu lócus enunciativo e concebido de forma imanentista, posto que nesse grande tecido que é o texto, tece-se também o contexto sócio-cultural em que tal objeto foi produzido.

Segundo Richard Johnson, "(...) os Estudos Culturais dizem respeito às formas históricas da consciência ou da subjetividade, ou às formas subjetivas pelas quais nós vivemos ou, ainda, (...) os Estudos Culturais dizem respeito ao lado subjetivo das relações sociais" (JOHNSON, 2004, p.25). Para alguns estudiosos, falar em estudos literários é o mesmo que falar em Estudos Culturais, pois o que é o texto literário se não um constructo saído da cultura?

Isso não quer dizer que a Teoria Literária tenha se exaurido totalmente, contudo, os estudiosos apontam, cada vez mais, para uma teoria que se volte para questões mais importantes, preocupando-se em compreender o homem contemporâneo e a sociedade que o circunda, independentemente do objeto cultural produzido. Esse tipo de teoria "acontece quando somos forçados a ganhar uma autoconsciência crítica sobre o que estamos fazendo" (EAGLETON, 2005, p.48). É essa "consciência crítica" que faz, segundo Eagleton, dos intelectuais culturalistas os mais indicados para pensar o texto literário hoje.

Outra questão importante, que abre caminho à nossa análise proposta, é a da transdisciplinaridade que, aliás, foi revalorizada pelos Estudos Culturais. A transdisciplinaridade ajuda-nos a estudar a literatura ancorando-nos basicamente em outras áreas do conhecimento. Eneida Maria de Souza, na "orelha" de seu livro *Crítica cult*, afirma que:

com o avanço dos estudos (...) da crítica cultural no final da década de 1970 no Brasil, o discurso crítico sobre a literatura ganhou maior dimensão e vigor. Expandiram-se os objetos de análise, antes restritos a linguagem literária e ao funcionamento discursivo, o que motivou a abertura para os fatos culturais. Tais avanços se processaram, de forma geral, no âmbito das ciências humanas resultando no exercício mais efetivo da transdisciplinaridade e na diluição de fronteiras teóricas e discursivas (...) (SOUZA, 2007, orelha).

Tendo por base tais considerações iniciais, percebemos, através da literatura de Clarice, que a escritora consegue abstrair por meio das palavras as formas subjetivas pelas quais os sujeitos são construídos socialmente. Partindo desses pressupostos, iniciamos agora uma breve discussão acerca dos contextos sócio-histórico e cultural dos anos 70 no Brasil.

Brasil de 70: o contexto sócio-histórico-cultural

Em 1964, um golpe militar depõe o governo de João Goulart no Brasil. Iniciava-se, assim, um espaço de tempo no qual a repressão e a censura iriam pairar sobre os meios de comunicação e as produções artísticas. Dessa forma, muitos intelectuais vão ter suas obras censuradas e vários outros vão se exilar do país. Entretanto, o ápice da repressão imposta pelo governo militar se dá na década de 70, o período de nosso objeto de estudo.

Com a aprovação do AI-5 (Ato Institucional nº cinco), em 1968, não restaram nem resquícios do que fora o eufórico governo desenvolvimentista e democrático de Juscelino Kubetschek da segunda metade da década de 50. Esses atos institucionais baniram toda forma de expressão que estivesse à revelia ideológica do poder vigente.

Contudo, na década de 60 já haviam sido firmados decretos repressores, pois desde 1964 o então presidente Castelo Branco cria o SNI (Serviço Nacional de Investigação) “(...), mas, tendo controlado a oposição política e os ataques mais diretos da imprensa, a cultura tornara-se um espaço para onde haviam migrado as poucas formas de resistência, até pelas lacunas deixadas pelos censores” (VILARINO *apud* DEVIDES, 2007, p.17).

Mesmo com todos esses artifícios repressores instaurados, os intelectuais encontram nos meios culturais (a literatura, as artes plásticas, a música, entre outros) uma saída de resistência. Tornar a arte um meio de combate a essa força repressora fez com que esses intelectuais tecessem uma crítica a partir de suas construções artísticas, cuja linguagem

(tanto visual quanto escrita) na maioria das vezes era mal interpretada pelos censores. Desse modo,

foi se formando uma linguagem capaz de cantar o amor, de surpreender o cotidiano em flagrantes líricos-irônicos, de elaborar o trabalho coletivo ou de fugir à sua imposição, de portar a embriaguês a dança, de jogar com as palavras em lúdicas configurações de sentido” (WISNIK *apud* DEVIDES, 2007, p.26).

É ainda de salutar importância lembrarmos que foi na tão conturbada década de 70 que a chamada cultura de massa começou a se desenvolver e, por conseguinte, a ser estudada criticamente, mostrando como as sólidas fronteiras entre a cultura erudita e cultura popular começaram a se deteriorar. Mercado, cultura popular, cultura de massa, consumo e questões marginais, começam fazer parte de todo um discurso crítico brasileiro, que se volta para essas questões problemáticas.

Finalmente, feitas essas considerações sobre o período ditatorial, a década de 70 e a situação do intelectual nesse período, passaremos, pois, à análise de *A hora da estrela*.

A hora da estrela: o intelectual e o povo brasileiro

A hora da estrela, último livro publicado em vida por Clarice Lispector, trata-se de uma novela que possui dois planos narrativos. O primeiro diz respeito à história de uma alagoana, de 19 anos e órfã, que se chama Macabéa. O segundo, que vem embreado em meio ao primeiro, retrata a figura do autor-narrador Rodrigo S.M. . Vemos, pois, que o texto é composto por um jogo de encaixes narrativos e simultâneos.

Na medida em que o narrador-autor-personagem conta a história de Macabéa em seu livro “feito sem palavras”, fala de si mesmo e sobre o estilo literário do qual se valerá para construir o seu texto. Logo de início, Rodrigo S.M. diz que contará a história de uma forma simples, sem “enfeitar a palavra”, para que coincida com as “fracas aventuras da moça”.

Em tal obra, Clarice lança mão de um artifício espetacular, poucas vezes encontrado em nossa literatura. Cria um personagem/autor masculino para contar a história da criatura Macabéa. Entretanto, na dedicatória do livro, Lispector desmascara completamente a “mentira” que é a ficção, revelando o seu próprio nome como a autora da história: “Dedicatória do autor. (Na verdade Clarice Lispector)” (LISPECTOR, 1998: p. 9).

Dessa maneira, podemos, alegoricamente, ler Rodrigo S.M. como um retrato bioficcional da intelectual Clarice Lispector. Intelectual esta ciente de seu comprometimento com a situação cultural do seu país. Ainda devemos nos lembrar que essa obrigação assumida com a realidade brasileira sempre esteve no projeto intelectual da escritora.

A criação desse personagem/autor dentro do espaço ficcional e desmascarado na dedicatória do livro nos remete à complicada situação do intelectual na década de 70, período este, como já mencionado anteriormente, atravessado pela ditadura, repressão e censura. Uma das possíveis postulações é que Lispector tenha criado Rodrigo S.M. para “jogar” nas costas deste toda a responsabilidade em relação à crítica social que constrói em sua obra. E, ainda, o narrador-autor serve de meio para Clarice tecer um discurso depreciativo em relação a um cânone literário de formação elitista, masculina, branca e preconceituosa do século XIX. Isso fica evidente quando Rodrigo S.M. diz que: “um outro escritor, sim, [poderia escrever essa história], mas teria que ser homem porque escritora mulher poderia lacrimejar piegas” (LISPECTOR, 1998, p. 14).

Rodrigo S.M. é um escritor aparentemente isolado e que escreve em um cubículo. Além de uma afirmação reiterada de que “não é um intelectual” e “um profissional”, declara que não tem e não se enquadra em nenhuma classe social:

Antecedentes meus do escrever? Sou um homem que tem mais dinheiro do que os que passam fome, o que faz de mim de algum modo desonesto. É que só minto na hora exata da mentira. Mas enquanto escrevo nunca minto. Que mais? Sim não tenho classe social, marginalizado que sou. A classe alta me tem como monstro esquisito, a média com desconfiança que eu possa desequilibrá-la, a classe baixa nunca vem a mim (LISPECTOR, 1998, p. 18-19).

Diante da repressão ditatorial brasileira, Rodrigo S.M. / “na verdade Clarice Lispector” encontra por meio da história de Macabéa a maneira de dar o seu “direito ao grito” (um dos subtítulos do livro): “através dessa jovem dou o meu grito de horror a vida” (LISPECTOR, 1998, p.33), diante de uma sociedade estratificada, preconceituosa e elitista na qual as diferenças sociais são gritantes.

Durante o percurso narrativo Rodrigo/Clarice constrói um cenário para evidenciar a abertura da mídia e a grande influência dos produtos desterritorializados da cultura mundial nos modelos culturais e sociais da década de 70: “Todas as madrugadas [a anti-

heroína Macabéa] ligava o rádio emprestado por uma colega de moradia” (LISPECTOR, 1998, p.37); e na autobiografia narrada pela própria moça: “sou datilógrafa e virgem, e gosto de coca-cola” (LISPECTOR, 1998, p.36). Nessas passagens vemos como Lispector mostra que mesmo o sujeito situado à margem, discriminado e excluído está exposto aos produtos que configuram o cenário cultural de 70, cenário este que se reflete no pano de fundo do ideário cultural contemporâneo.

Dessa maneira, podemos ver Macabéa como uma alegoria nacional, a representante de um povo que se encontrava enclausurado por uma ditadura que determinava o que assistir, o que ouvir, o que ler e o que falar. E mais, Clarice retrata de forma singular a opressão imposta pelo governo militar:

Devo dizer que ela era doida por um soldado? Pois era. Quando via um, pensava com estremecimento de prazer: será que ele vai me matar? Se a moça soubesse que minha alegria também vem de minha mais profunda tristeza e que tristeza era uma alegria falhada. Sim, ela era alegrezinha dentro de sua neurose. Neurose de guerra (LISPECTOR, 1998, p.35-36).

Percebemos, então, que Clarice sempre esteve preocupada com as questões sociais que se configuravam no Brasil. Dessa maneira, *A hora da estrela* pode ser vista como a hora de Lispector denunciar a repressão instaurada pelo governo militar, que sufocava a criação artística dos intelectuais da época, e pintar um quadro da situação miserável dos retirantes brasileiros em busca de melhores condições de vida.

Por fim, nota-se que em *A hora da estrela* há um fundo autobiográfico incontestável e que “ocorre uma ‘dramaturgia da subjetividade’ [expressão cunhada por Lúcia Helena], (...) porque (...) se pelo lado histórico-biográfico-cultural podemos dizer que Clarice é muito mais Macabéa; pelo outro lado biográfico-literário [intelectual] ela é muito mais Rodrigo S.M.” (NOLASCO, 2007, p.27).

Considerações finais

Mesmo com o que aqui explicitado, na maioria das vezes, Clarice era catalogada como alienada e hermética por fugir dos padrões dos “escritores engajados” de sua época. A escritora admitia que não conseguia escrever sobre o problema da “justiça social”, pois

para ela esse era um sentimento tão básico e essencial complicado de ser representado por meio das palavras. Desse modo, constatamos com o estudo de *A hora da estrela* que Lispector possuía uma maneira particular de transportar a realidade sócio- histórico-cultural para o mundo ficcional.

Sobre o projeto intelectual da escritora, vemos que para a mesma o intelectual tem que estar em dia com as relações sócio-culturais que o cercam. Olga Borelli, a amiga e secretária da escritora, em depoimento afirma que Clarice

era uma pessoa de grande integridade [social] e intensidade. Uma intensidade que dela fluía e refluía. Ela procurava ansiosamente, lá onde o ser se relaciona com o cosmo, ou seu centro de força - e esta convergência a consumia e fazia sofrer. Sempre procurou de alguma maneira solidarizar-se ou compreender profundamente o sofrimento do outro, o que acontecia na medida da necessidade de quem a recebia. O problema social a angustiava (BORELLI *apud* GUIDIN, 1998, p 101).

Como está no poema “Visão de Clarice”, de Drummond, epígrafe aposta a este artigo, o papel de Lispector enquanto intelectual era o de “retratar o homem” contemporâneo relacionando-o com o cosmo social que o cercava. Esse representar do homem dentro da literatura clariciana se dava “em [meio a um] estado de emergência e calamidade pública”, fazendo com que a escritora fosse mal entendida pela crítica de sua época.

O livro *A hora da estrela* sintetiza, de forma magistral, o projeto intelectual-literário-social de Clarice Lispector. Projeto este que sofreu alterações no decorrer de sua vida. Assim, percebe-se logo que Clarice atinge em suas obras as camadas mais profundas da mente humana, num mergulho psicológico raras vezes realizado em nossa literatura. O seu interesse principal está no estudo da repercussão que os fatos (sociais, históricos e culturais) provocam na mente humana. É uma literatura que sonda o interior do indivíduo para revelar as dúvidas, inquietações e questionamentos pelos quais passam os sujeitos contemporâneos, sem jamais resguardar qualquer traço de alienação.

Em suma, concluímos que “o intelectual é alguém que se mete no que não é de sua conta e que pretende contestar o conjunto das verdades recebidas e das condutas que nela inspiram, em nome de uma concepção global do homem e da sociedade” (SARTRE *apud* RESENDE, 2002, p 22).

REFERÊNCIAS

- DEVIDES, Dílson César. **30 anos de Rock: Raul Seixas e a cultura brasileira: (de 1970 à contemporaneidade)**. Rio de Janeiro: Corifeu, 2007.
- GUIDIN, Márcia Ligia. **Roteiro de Leitura: A hora da estrela**. São Paulo: Ática, 1998.
- JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In. SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2006. (p.7-131)
- LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco 1998.
- NOLASCO, Edgar César. **Caldo de Cultura: A hora da estrela e a vez de Clarice Lispector**. Campo Grande, MS: Ed: UFMS, 2007.
- RESENDE, Beatriz. **Apontamentos de crítica cultural**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica Cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- EAGLETON, Terry. **Depois da Teoria: Um olhar sobre estudos culturais e o pós-modernismo**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2005.